

**JOVENS E JUVENTUDES: IMAGENS QUE AFETAM, FILMES QUE
TRANSFORMAM**

Adriene do Nascimento Adão¹
Zenite dos Santos Lima²

Resumo: Partindo da premissa da *Pedagogia da imagem*, que é aqui entendida como o espaço da produção das visibilidades, das práticas do olhar, do campo social onde através das trocas de conhecimento se exibem as aproximações e transgressões vivenciadas pelos praticantes do cotidiano. Este trabalho visa apresentar uma reflexão sobre a escola e as culturas juvenis na contemporaneidade, cuja relação é problematizada a partir da discussão entre educação e imagens. Ou seja, este trabalho busca analisar o filme “Entre os muros da escola” como uma obra, uma produção fílmica capaz de produzir significativas representações e narrativas sobre a contemporaneidade, que podem ser apropriadamente vistas e discutidas através do campo dos Estudos Culturais.

Palavras-chave: Pedagogia da Imagem, Juventudes e Práticas Pedagógicas.

O filme “Entre os Muros da Escola” tem ares de documentário e um elenco todo de não-atores alunos, professores e pais. É baseado no livro homônimo de François Bégaudeau (lançado no Brasil pela Martins Fontes Editora). Segundo o jornal eletrônico G1 da Globo.com, o filme arrebatou diversos prêmios da Palma de Ouro no Festival de Cannes em 2008 ao Prêmio Cesar, passando por uma indicação ao Oscar de melhor filme estrangeiro.

O cenário do filme é um colégio do leste de Paris formada não só de franceses, mas por uma mistura étnica e social. Narra a experiência de um professor de francês ginásial, interpretado também por François, personagem central da história que tem de lidar não só com a falta de interesse dos alunos em sua disciplina, mas com as

¹ Licenciada em Pedagogia (UFRRJ, 2010), Mestranda em Educação (UFRRJ, 2011) - Membro do GRPESQ Estudos Culturais em Educação e Arte (IM/UFRRJ – IA/UERJ). E-mail: anadrika23@yahoo.com.br

² Licenciada em Pedagogia (UFRRJ, 2010), Membro do GRPESQ Observatório de Educação Especial e inclusão educacional: políticas públicas e práticas curriculares (IM/UFRRJ/NI). E-mail: zênite_pedufrjr@yahoo.com.br



diferenças sociais e o choque entre culturas africana, árabe, asiática e, claro, européia, dentro das quatro paredes da sala de aula. Conseqüentemente, a história retrata o cotidiano escolar e os contrastes das culturas juvenis dentro da sala de aula. Como também aponta questões sobre o sistema escolar, a relação aluno-professor, relação entre os professores, a busca por um ideal e principalmente, por mudanças.

Lendo as críticas publicadas nos jornais, uma questão é imediatamente destacada: a diferença social e cultural retratada de uma França contemporânea, de jovens e juventudes, de comunicação e cultura narrada através de uma perspectiva teórica que concebe a linguagem como o grande campo de batalha dessa relação, onde o papel da escola, o papel do professor será novamente repensado. Será que a escola continuará pensando está fora da sociedade? Será que a escola continua pensando ser apenas um lugar de transmissão de conhecimento, apenas do aprender? É preciso que a escola perceba que o seu espaço, é um espaço de troca de saber, de construção de conhecimento e que o sujeito o qual ocupa este espaço precisa lidar com seus próprios problemas, sua cultura, portanto a escola não pode está fechada em si mesma.

De acordo com Libâneo (2002, p. 77), “o aspecto essencial da educação escolar é a instrução científica e cultural básica. Assim, o papel da escola está ligado ao ensino das bases da ciência, da técnica, das artes, e da formação de habilidades cognitivas”. Contudo, hoje a escola não visa à produção do conhecimento, tampouco a formação de sujeitos do conhecimento, mas sim sujeitos submetidos ao poder, ao capital.

Deste modo, a escola é o lugar do poder, caracterizada por propósitos normativos, de disciplinamento e docilização dos corpos. Propósitos implicados com a arquitetura social do capitalismo: divisão de trabalho, trabalho assalariado e produção de mais valia-valia, de tal modo, que gravita para produção de trabalho como princípio educativo. Contexto assim exposto por Michel Foucault:

O movimento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidade, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. (...) A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (FOUCAULT, 1997, p.118).

Assim, o poder passa a ser exercido no corpo tornando-se um mecanismo disciplinar, portanto, a escola é uma instituição disciplinadora. Contudo, para existir uma relação de poder é preciso ter liberdade, é necessário existir uma resistência. Na

crítica de Paulo Freire:

A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienam. Não é idéia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos. (FREIRE, 1981, p. 35).

Assim, a própria escola estabelece modificações e regras para o controle dos objetivos atraente para o capital. Como não há relação de poder sem resistência, existe também a oportunidade de verificar nas escolas um trabalho de desobediência, luta ou repulsão, que tencionam as linhas de força que atuam na instituição. Disputas que vão desnaturar seu regime de convenções, regulação e monitoração, forçando a reinvenção política do educativo.

Trazendo essas questões apresentadas para a nossa realidade social, cultural, política e econômica, é na sala de aula, é entre os muros da escola que a diferença social e cultural, que esse conflito ganha força. Todos os problemas que a sociedade contemporânea enfrenta hoje estão em torno da compreensão do sistema de ensino, da sua contradição, que ao mesmo tempo em que exclui alunos, também os integra. Não é um sistema homogêneo. Deste modo, o filme mostra que há barreiras universais no processo educacional.

Juventudes: Imagens Fílmicas Contemporâneas

A concepção de juventudes neste trabalho origina-se da observação do cotidiano escolar, amparada pelas contribuições, principalmente de Nilda Alves (2003) e Aldo Victório Filho (2007). Portanto, é observando, estudando as práticas dos atores, entendendo seu contexto e o que se passa dentro da escola que se compreende o cotidiano em sua realidade. Segundo Nilda Alves (2003, p. 63) “estudando o cotidiano estamos nele mergulhados, sempre, o que significa que precisamos ter presente a necessidade de crítica aos limites impostos por essa condição”. Ou seja, para se compreender, investigar o cotidiano escolar com suas aspirações, ambições e desejos, deve-se estar mergulhado nele, é preciso vivenciá-lo e senti-lo. Pois, investigar o cotidiano escolar, é de certo modo, eleger o cotidiano como fonte fundamental para a investigação e interpretação das práticas escolares.

Deste modo, os jovens constituem, portanto, o foco deste trabalho. Acredito que a condição de ser jovem envolve, em muito, questões de identidade, raça, gênero e, sobretudo, de pertencimento. É fácil compreender as carências, as relações com o poder, tal como, os ideais de mudança das juventudes frente às desigualdades presentes no seio da sociedade contemporânea. Pois o contraste dessas imagens fílmicas está exatamente na descrição de ser jovem dentro de um cotidiano escolar onde se espera deles comportamentos e valores apropriados para se viver em sociedade, e como esses valores são rompidos por eles. Segundo Berino (2009), em seu projeto de pesquisa, “Juventudes: circulação das imagens e fruição de identidades entre atos curriculares” afirma que:

As identidades juvenis estão também no centro de numerosos estudos sobre cultura, que solicitam atenção e análises mais finas do que as corriqueiras: “as afiliações culturais juvenis”, afirma João Freire Filho (2007: 54), “guardam nuances diversas, toda uma série de dubiedades intrigantes que só um ato de violência teórica pode reduzir à homogeneidade de uma narrativa única”. É preciso abrir o campo das investigações para a variedade de referências que constituem as culturas juvenis, propondo caminhos mais comunicativos com os próprios jovens “pesquisados”, que suas vozes também compareçam com a devida alteridade das suas realizações, negociando lugares na pesquisa. (BERINO, 2009, p.10).

Assim, vale ressaltar, que os jovens expressam não só suas necessidades visíveis, mas principalmente seus sentimentos, suas críticas, seus desejos, suas crenças e idéias mais amplas, relativas ao cotidiano em que estão inseridos em um dado momento histórico e social. Portanto a cultura juvenil representa o mundo com sua pluralidade, disjunções, fluidez, mas sobretudo, sua contradição. Diz Canevacci:

Não existe uma visão unitária e global das culturas juvenis que seja passível de resumir a um número, a um código ou uma receita. A síntese é o instrumento conceitual de ordem, nascido da polis, que aqui é rompido; o que resta – fragmentos líquidos – cruzasse e afastasse sem possibilidade alguma de reconstruir o quebra cabeça perspectivo do social. (CANEVACCI, 2005, p.8 - 9)

Logo, o estudo do cotidiano escolar ganha relevância para o entendimento da vida nas escolas, principalmente, porque é visto como um cenário de oposições e complexidades nem sempre redutível à idéia de contradição encarnados na escola, do conhecimento que educadores e educandos expõem das práticas educativas através dos desacordos que promovem e da autonomia que pretendem, mas, sobretudo, porque o estudo do cotidiano traduz-se em uma renovada possibilidade de investigação das práticas pedagógicas e dos sujeitos da educação.

A tentativa de capturar a linguagem pelo viés da imagem reforça a necessidade de conhecermos tudo aquilo que nos escapa ao primeiro olhar, em outras palavras, a palavra-imagem implica em falar em silêncio, silêncio fundante do qual estabelece e produz múltiplos sentidos. Ou seja, a observação do cotidiano escolar permite uma variada interpretação de como são fabricadas as formas de linguagens através das imagens. Assim, a minha intenção foi à utilização da imagem filmica, não como mero recurso tecnológico ou pedagógico, mas como um recurso de uma experiência distinta e complementar para a criação de um conhecimento capaz de revelar, apontar e expressar através dos atores do cotidiano escolar possibilidade não apenas de fugas, mas de autonomia e práticas estimulantes na escola.

Nesse contexto, entendemos a necessidade de um estudo sobre as imagens produzidas nesse terreno estético³ que é o cotidiano escolar, nesse espaço de busca pela visibilidade. Assim, este trabalho justificasse a partir desses estudos, destas discussões, desse olhar diferenciado para o cotidiano que professores e outros profissionais da educação que estão sempre em formação, pesquisando e se qualificando possam enfim responder aos anseios da juventude para uma educação de qualidade, ou seja, conhecimento para a construção de uma sociedade democrática. Deste modo, é preciso prestar atenção, observar e analisar situações iguais para se entender as redes de cotidiano.

Podemos, nesse sentido, reafirmar o que nos diz Inês Barboza de Oliveira a respeito da importância das pesquisas com obras artísticas imagéticas – pinturas e fotografias – como um meio a compreensão do cotidiano.

As imagens são portadoras de possibilidades de compreensão ampliada do que é e do que pode ser a prática pedagógica do real, escamoteada e tornada invisível “a olho nu” pelas normas e regulamento da cientificidade moderna, da hierarquia que esta estabelece entre teoria e prática e os textos produzidos nesse contexto. (OLIVEIRA, 2005, p. 90).

Nesse sentido, as pesquisas com imagens, principalmente, do cotidiano escolar possibilitam sempre uma visibilidade, uma busca nas inúmeras realidades vivenciadas nas escolas. Sébastien Darbon (1998, p. 108), afirma que uma imagem é sempre “a expressão de uma convenção de representação”. Porque segundo ele, em nível de análise, não há uma visão única do que seria a realidade, mas múltiplas dimensões, visto que, a leitura que fazemos de uma imagem depende do sentido, da interpretação, da

³ Esse termo é utilizado por Jacques Rancière no livro *a Partilha do Sensível – Estética e política*.

subjetividade, do contexto, dos condicionamentos sociais e técnicos. Ou seja, quem faz a análise da imagem tem sua própria subjetividade, sua história, sua leitura de mundo.

Uma imagem mesmo considerando-a fiel ao objeto ela sempre será uma abstração do objeto, uma cópia. Ainda de acordo com o autor, “uma imagem não tem sentido em si, que lhe seja inerente, se o sentido de uma imagem está, sempre, para ser construído por meio do discurso, a imagem, então, é apenas um suporte para o discurso”.

Em outras palavras, Darbon considera que, não existe uma descrição pura da imagem, pois toda descrição já é uma interpretação. Assim sendo, a imagem é capaz de despertar interpretações, mas ao mesmo tempo não traduz o que é visto, porque em função da cultura e da história pessoal, incorpora-se modos de representação e potencialidades que lhes são próprios. Ou seja, a interpretação que fazemos de uma imagem corresponde a nossa maneira de ver o mundo, pois segundo John Berger,

Toda imagem incorpora uma forma de ver. Mesmo uma fotografia. Porque as fotografias não são, como se presume freqüentemente, um registro mecânico. Cada vez que olhamos uma fotografia estamos cientes, por mais superficial que seja, do fotógrafo selecionando aquela cena entre uma infinidade de outras cenas possíveis. Isso é verdadeiro mesmo em se tratando de instantâneo familiar mais informal. O modo de ver do fotógrafo é reconstituído pelas marcas que ele faz na tela ou papel. Contudo, embora toda imagem incorpore uma maneira de ver, nossa percepção ou apreciação de uma imagem depende também do nosso próprio modo de ver. (BERGER, 1999, p. 12).

Hoje as imagens, em sua maioria, estão vinculadas aos anúncios publicitários impressos em páginas de revistas, cartazes e outdoor afixados em muros e em outros locais, mais principalmente, nas telas do cinema e da televisão. Contudo, o conceito de imagem envolve qualquer forma de expressão e visualização construída ou gerada pela ação do Homem.

Portanto, analisar e compreender a dinâmica do processo cotidiano dos “instantâneos” é também criar estratégias metodológicas para uma educação de qualidade que busca uma sociedade igualitária, democrática. E, é conhecendo os modos de produção individuais e coletivas, da cultura contemporânea, dos processos históricos e político da nossa sociedade que possibilitaremos uma mudança social. Por isso, é muito importante que nós educadores possamos tomar consciência do ato de ver e de sua riqueza, da complexidade de uma atividade tão banal como olhar o mundo, mas tão

significativa para quem busca mudanças.

Nas palavras de Aldo Victorio Filho (2001, p. 63) “O desenhar despretenso, inegável habilidade de todos os homens e mulheres que se manifesta no fazer de todo e qualquer olhar e na contínua experimentação estética que é a história cotidiana que começa com os passos do primeiro olhar”.

O que se trata nesta pesquisa são as imagens cotidianas que constituem materialmente e com solidez o entendimento do mundo. Temos até a aparência de que são as imagens que dominam o mundo, ou mais ainda, às vezes o mundo parece só existir através das imagens. Assim sendo, nessa narrativa imaginética compreendo o que é ensinado e o que não é, e que através dos contatos que temos na vida cotidiana, nos diversos espaços nos quais estamos inseridos influenciemos e somos influenciados por diferentes sujeitos na construção de nossa identidade.

Assim, a vida cotidiana e aquilo que é ensinado pela escola formam elementos articulados e indissociáveis, individuais e coletivos. E, é observando estas imagens aparentemente estática e imutável, mas portadora de múltiplas significações e histórias que podemos com um olhar diferenciado analisar as diferentes cenas, ver suas diversidades e refletir sobre elas percebendo que cada cena nos diz tantas coisas e poderiam nos dizer muitas outras, essa é a riqueza possibilitada pela imagem visual, pela leitura da imagem fílmica no estudo do cotidiano, pois o que a imagem diz não é fixo, é um movimento, vida, memória de nós mesmos.

***POS-SCRIPTUM* Roda de conversa**

Em um trabalho⁴ recentemente apresentado tive a possibilidade de refletir sobre a Roda de conversa, um momento de diálogo que ocorre depois de todas as sessões de filmes apresentados no Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CTUR) durante o desenvolvimento da pesquisa *Pedagogia da Imagem: Raça, gênero e pertencimentos vistos com o cinema – Uma pesquisa para os jovens/com os jovens*.

Após assistirmos aos filmes é feito um convite para que um grupo de jovens junta-se a nós, integrantes do grupo de pesquisa, para conversar, um diálogo sobre o filme. O diálogo é aqui uma ferramenta muito importante para investigação das

⁴ Caminhos e (des)caminhos da cultura juvenil revelada nos cinemas. Trabalho apresentado no Seminário de estudos Culturais em Canoas, RS.

questões vivenciada pelos jovens no cotidiano escolar, como também para a leitura do universo juvenil e da visão que os jovens têm sobre a sociedade através das suas falas, das identificações e relações concebidas pelos filmes. Assim sendo, ao assistir um filme, a possibilidade de identificação com o protagonista ou com a causa que ele representa no filme é comum, pois “a identificação é um dos elementos psicológicos que se apresentam de forma qualitativa quando alguém se vê convocado pelo enredo do filme”. (SILVA, 2007, p. 102). Assim, o vislumbre pelas imagens fascina e provoca tanto simpatia quanto antipatia conduzindo, portanto, a história aos olhos do espectador.

Pode-se dizer que o principal objetivo deste diálogo era compartilhar as concepções sobre raça, gênero e pertencimentos, como também discutir e analisar a diversidade cultural através das falas destes jovens, contudo, eram perceptíveis que as questões apresentadas por eles abarcavam muito mais do que era intencional para nós. Como percebemos nos diálogos abaixo após a exibição do filme “Entre os Muros da Escola”:

-Ta, eu acho que faz uma, uma crítica sistema de educação pode ser só da França, mas também sim sendo educação da nossa sociedade mesmo porque a França é um país desenvolvido, mas a gente percebe que mesmo sendo um país sendo desenvolvido tem problemas no sistema de educação que alias é um sistema público né e têm várias, mostra o problema da imigração, problema, vários problemas, eu acho.

-eu não diria só da educação, das relações humanas em geral. (...) O nome do filme é entre os muros da escola e nenhum muro foi quebrado, nada mudou. Não era só entre os professores e alunos.

-Eu acho, assim, entre os muros da escola no caso, os muros dentro da escola, por exemplo, o filme é um conflito, é sim, o muro foi quebrado no caso foi é sim, entre sala de aula e sala de professores, esse conflito alunos e professores mais ou menos é que foi mostrado no filme (...) não foi resolvido nada, (...) os bastidores do caso do que foi mostrado.

Eles em suas amplitudes questionavam, sobre o sistema educacional, faziam comparação entre o Sistema de Educação da França e do Brasil. Discutiam também questões sociais e políticas, como no caso, do problema da imigração apresentados por eles, um problema político que se tornou social. Assim, entre as questões apresentadas um fato é marcante ao meu olhar, a espera, a inconformação pela mudança. Na verdade, temos aqui um conflito dos discursos, a questão se concentra no entendimento que as mudanças não se dão apenas em razão da relação professor – aluno, mas principalmente pelas quebras de barreiras. Já o relato do jovem abaixo surpreende pela vivacidade de seu depoimento, como podemos perceber ao falar que o filme...

-mostra também todos os lados, o lado do professor, enquanto está defendendo ao mesmo tempo, ele quer punir o aluno, mas não quer fazer uma possível besteira futura e mostra também o lado de cada um, assim, cada um tem sua visão eles discutem isso e cada um passa uma visão diferente do outro lado, as situações que ele se põe durante o filme, no caso do professor ter chamado de vagabunda, que no, quando ele ia falar com os responsáveis ou outros professores ele demonstrava vergonha por causa daquilo e quanto aos alunos ele tentava se justificar ai fazia tipo dois lados embora ele queira se justificar ele sabia que não tinha justificativa pelo que ele tinha feito (...).

Portanto ele foi bastante descritivo, não se limitando apenas a tecer algumas críticas quanto ao filme, mas, sobretudo analisando o papel do professor com relação aos responsáveis dos alunos como também a relação do professor entre os outros professores.

Se o jovem aluno critica, é porque ele quer entender o mundo adulto, quer igualar-se a ele, está testando toda sua capacidade de argumentar e, principalmente, está consolidando a personalidade. Para isso, ele questiona, levanta hipóteses, muitas vezes absurda ao olho dos adultos, mas que podem trazer o novo, por mais insólito que seja. (SILVA, 2007, p. 210).

As questões abaixo apresentam, sem dúvida, a representação das diferenças éticas e sociais apresentadas por eles através de uma primeira análise sobre o filme. Apontam questões como a procura de uma uniformidade na educação, na sala de aula, um modelo unico, um ideal de educação que contemple a todos e trás também uma reflexão sobre o professor, esse lugar de autoridade a qual pertence, que se mistura a uma realidade complexa.

- (...) Não existe sala de aula que todos sejam iguais, eu acho que é praticamente impossível uma uniformidade assim, e lá é mais, assim, exposto isso, porque eles são diferentes demais. Cada um é de um país (...)

-(...) Não tem a ver com autoridade, tem a ver com respeito (...) isto é botado em conflito no filme, até onde vai o professor e onde começa o ser humano (...) é a questão de respeito (...) mas o respeito é igual pra todas as pessoas.

Assim, as narrativas apresentadas mostram o quanto é percebido pelos alunos as questões de discriminação, dilemas morais e sociais. Já quanto a busca pela mudança, isso é esperada tanto pelos alunos quanto pelos professores. Portanto, são falas, reflexões necessárias para uma leitura de mundo. É claro, que esta leitura é um recorte, uma interpretação, mais um viés dos mais possíveis e impossíveis possibilidade de dar voz e vida a quem por muitas vezes permanece sem voz para se colocar e sem vida para ser visto. Isso podemos ver através desses relatos, falas e desabafos, que mostram por

sua vez o quanto esses jovens interagem com o mundo que os cerca, eles são reflexivos e críticos, mas, principalmente, tem esperança. Acreditam na mudança e demonstram que essas mudanças acontece algumas vezes, podem até não ser perceptível a nós no cotidiano da escola por estarmos em volta a tantas coisas, mas elas estão ali e não dá para fugir, pois tudo muda e quando menos percebermos o invisível se torna visível. Esses jovens puderam, em sua simplicidade e até indignação, apontar um caminho para uma análise consistente e crítica de uma específica leitura do universo juvenil, análise estas que se integrará a outra, a uma observação imagética através das fotografias realizada por esses jovens sobre o seu cotidiano.

Por fim, a análise produzida a partir do encontro destas perspectivas, dos personagens que vivem o cotidiano escolar permitiu a reunião de um material singularizado pela diferença do olhar. Em minha análise sobre as narrativas, percebi dois momentos diferentes na produção desse olhar crítico, um primeiro momento voltado para a ação, o momento da roda de conversa, da exibição dos filmes e outro em que no isolamento reflito ao verificar nas gravações as falas desses jovens sobre as percepções, identificações e críticas em torno do que o filme representa. Considerei que em um primeiro momento, as observações tinham um perfil dominante ainda da visão pedagógica, que as narrativas apresentavam uma relativa importância “didática”, mas não uma atenção relevante dedicada ao seu exame como objeto autônomo de estudo e crítica da educação, pois só no segundo momento, a partir de um isolamento, de uma reflexão de cada fala que é possível uma atenção mais dedicada e crítica sobre o objeto de estudo.

Vale ressaltar que este é o início de um estudo de uma proposta alternativa, de uma nova maneira de olhar o cotidiano, mas que ainda carece de maiores estudos aos aspectos relacionados a esses contextos. Assim, esta pesquisa justificasse a partir desses estudos, destas discussões, desse olhar diferenciado sobre o cotidiano buscando corresponder aos anseios da juventude para uma educação de qualidade, ou seja, conhecimento para a construção de uma sociedade democrática. É preciso prestar atenção, observar e analisar situações iguais para se entender as redes do cotidiano.

Com isso esse trabalho conclui que as análises, primeiro, sobre o filme foi bastante incisivas na importância que esta mídia tem sobre e dentro da escola, e de como ele é condutor de uma pedagogia peculiar na vida das juventudes. Já os diálogos com os alunos foram muito ricos contemplando elementos muito presentes no cotidiano,

assim, o filme exibido proporcionou dentro da sala de aula um espaço de exposição de incertezas, de reflexão, de descontração e de trocas, sobretudo. Gostaria de encerrar este trabalho deixando em aberto que esse assunto não se finaliza aqui, pois a atração pela vida nas escolas possui diferentes caminhos para se percorrer e este trabalho é apenas um dos meios pelo qual, as imagens da educação ganham visibilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda. “Cultura e cotidiano escolar”. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n.23, 2003. p. 62 – 74.

_____. “Imagens das escolas”. In: ALVES, Nilda; SGARBI, Paulo (org.). Espaços e imagens na escola. Rio de Janeiro: DP & A, 2001. (p.7 – 17).

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. “Imagens de Escolas: espaçotempos de diferenças no cotidiano”. Educação & Sociedade, Campinas, v. 25, n. 86, 2004. p. 17-36.

BERGER, John. Modos de ver. São Paulo: Martins Fontes, 1983. (p)

BERINO, Aristóteles de Paula; Juventudes: circulação das imagens e fruição de identidades entre atos curriculares. Projeto de pesquisa: FAPERJ/UFRRJ, 2009.

BERINO, Aristóteles de Paula; CARVALHO, Carlos Roberto de; PASSOS, Maila; ALVES, Nilda; e SGARBI, Paulo; “Sobre conversas”. In: MACEDO, Elizabeth; MACEDO, Roberto Sidnei; AMORIM, Antonio Carlos (org) Discurso, texto, narrativa nas pesquisas em currículo - Campinas, SP: E/UNICAMP, 2009.

BERINO, Aristóteles. A economia política da diferença. São Paulo: Cortez, 2007.

BERNARDET, Jean-Claude. O que é cinema. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção primeiros passos).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. 12ª São Paulo – editora brasileira, 1984.

CANEVACCI, Massimo. Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CATANI, Afrânio Mendes e GILIOLI, Renato de Souza Porto. Culturas juvenis: múltiplos olhares. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

DARBON, Sébastien. “O etnólogo e suas imagens”. In: SAMAIN, Etienne (org.). O fotográfico. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 199-206.

FILHO, João Freire. Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: Mauad: 2007.

FOUCAULT, Michel. “O sujeito e o poder”. In: RABINOW, Paul, DREYFUS, Hubert. Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a. p. 231 – 249.

_____. A arqueologia do saber. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. Microfísica do Poder. Petrópolis: Graal, 1979. p.179.

_____. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis, Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: paz e terra, 1996.

_____. Pedagogia do oprimido. 17^a ed. Rio de Janeiro, paz e terra, 1987.

KOSSOY, Boris. “Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia”. In: SAMAIN, Etienne (org.). O fotográfico. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 199-206.

KUBRUSLY, Cláudio. O que é fotografia. 4^a ed. São Paulo: Brasiliense, 2003. (p)

LEITE, Marcia. “Remexendo fotografias e cotidianos”. In: ALVES, Nilda; SGARBI, Paulo (orgs.). Espaços e imagens na escola. Rio de Janeiro: DP & A, 2001. p. 99 – 114.

LIBÂNEO, Jose Carlos. Didática novos e velhos temas. Edição do autor. Maio de 2002. Retirado em <http://gtdidatica.sites.uol.com.br/textos/libaneo.pdf>

LOBO, Roberta. (Org) Crítica da imagem e educação: reflexões sobre a contemporaneidade. Rio de Janeiro: EPSJV, 2010.

MEC. Secretaria de Educação a Distância. “Cinema e educação: um espaço em aberto”.TV escola. Salto para o futuro. Ano XIX – Nº 4 – Maio/2009.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

OLIVEIRA, Inês Barbosa e SGARBI, Paulo (orgs.). Redes culturais, diversidades e educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de e ALVES, Nilda (orgs). Pesquisa no / do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. “Espaços educativos cotidianos em Imagens”. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; SGARBI, Paulo (org.). Fora da escola também se aprende. Rio de Janeiro: DP & A, 2001. p. 33 – 49.

SILVA, Roseli Pereira. Cinema e educação. São Paulo: Cortez, 2007.

VICTORIO FILHO, Aldo; BERINO, Aristóteles de Paula. Culturas Juvenis, Cotidianos e Currículos. Currículo sem Fronteiras, v.7, n.2, Jul/Dez 2007. p.7-20

_____. Pesquisar o cotidiano é criar metodologias. Educação & Sociedade, Campinas, v.28, n. 98, jan./abr. 2007. p. 97-110.